



## ECOLOGIA COSMOCENA: UMA ECOLOGIA DAS DIFERENÇAS

## COSMOCENA ECOLOGY: AN ECOLOGY OF DIFFERENCES

## ECOLOGÍA COSMOCENA: UNA ECOLOGÍA DE DIFERENCIAS

Vilmar Alves PEREIRA<sup>1</sup>

<http://orcid.org/0000-0003-2548-5086>

Marcel Jardim AMARAL<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0712-7357>

**Resumo:** Este trabalho está situado no contexto da Ecologia Ambiental e tem por objetivo apresentar ao campo as contribuições da Ecologia Cosmocena, enquanto uma ecologia em permanente diálogo com as diferenças. Trata-se de um estudo no horizonte dos Fundamentos da Educação Ambiental (FEA) transitando pela Ecologia Política e que realiza uma aproximação com os Objetivos do Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia. Dessa forma a partir de uma abordagem da hermenêutica filosófica, recupera num primeiro momento a centralidade da Ecologia Cosmocena e, num segundo, estabelece a relação demonstrando a sua fecundidade onde discute a sexta tese referida ecologia que tem por defesa: um mundo diverso e sem preconceitos. O estudo demonstra a importância do debate ecológico para além de perspectivas estritamente conservacionistas, mas que deva reconhecer o alargamento compreensivo ecológico em diálogo com diferentes campos do saber.

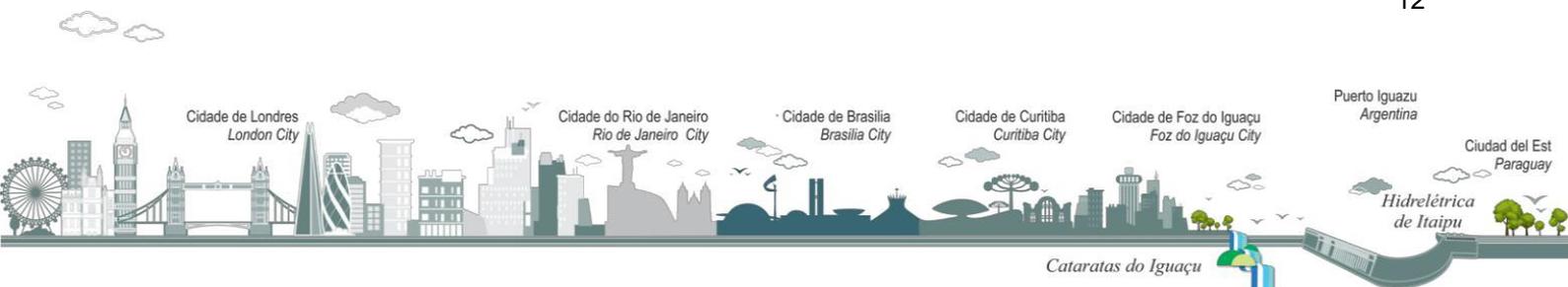
**Palavras Chave:** Ecologia Cosmocena. Diferenças. Educação Ambiental.

**Abstract:** This work is located in the context of Environmental Ecology and aims to present the contributions of Cosmocene Ecology to the field, as an ecology in permanent dialogue with differences. It is a study on the horizon of the Fundamentals of Environmental Education (FEA), transiting through Political Ecology and which brings together the Objectives of the Interagency Program for the Promotion of Gender, Race and Ethnic Equality. Thus, from an approach of philosophical hermeneutics, it recovers, at first, the centrality of Cosmocene Ecology and, in a second, establishes the relationship demonstrating its fertility where it discusses the sixth thesis referred to as ecology that has as its defense: a diverse and unprejudiced world. The study demonstrates the importance of the ecological debate in addition to strictly conservationist perspectives, but which must recognize the comprehensive ecological expansion in dialogue with different fields of knowledge.

**Key Words:** Cosmocene Ecology. Differences. Environmental education.

<sup>1</sup> Bolsista de Produtividade do CNPq (Nível II), Doutor em Educação (UFRGS); mestre em Educação (UPF); Coordenador da Educação na ARUTEMA, Rio Grande, RS, [vilmar1972@gmail.com](mailto:vilmar1972@gmail.com)

<sup>2</sup> Bolsista da CAPES, doutorando em Educação Ambiental (PPGEa/FURG), mestre em Educação (PPGEdu/FURG); Rio Grande, RS, [marceljardimamaral1992@gmail.com](mailto:marceljardimamaral1992@gmail.com)





## INTRODUÇÃO

Em estudo anterior Pereira (2016) apresenta ao campo dos FEA uma perspectiva ecológica denominada Ecologia Cosmocena. Esta perspectiva, vem sendo observada como um desafio para os FEA devido as provocações que trouxe com o entrelaçar da *gaia* e de seus habitantes. Com o tempo, o homem/mulher passaram a crer que a natureza não se sobrepunha aos interesses do capital. A brutalidade em que o ser humano vem interferindo no planeta remete-nos a uma nova época geológica: antropocena. A concepção desta ecologia traz em sua hermenêutica a descolonização dos sujeitos, apontando diversos distúrbios da humanidade, relacionados as expressões da crise de sentido. Nessa proposição o autor, toma por referenciais diferentes campos do saber em diálogo, buscando configurar esses novos olhares ao campo ambiental.

Trata-se de um estudo de inspiração em leituras da Hermenêutica (Gadamer, 2002); Física Quântica e Ecologia (Capra, 2006; 2011); Pensamento Pós-Metafísico (Habermas, 2002; Leff, 2006); Astrofísica e Filosofia – Inteligência Espiritual (Zohar; Marshall, 2012); Ecologia e Ética (Boff, 2012); Ambientalismo e Medicina (Lovelock, 2010), e Biodiversidade (Wilson, 2008). Esses referenciais nos indicam a possibilidade de uma ecologia com maior sintonia entre a natureza e a humanidade, redefinindo olhares, vivências e aprendizagens com o cosmos (PEREIRA, 2016, p. 8).

Dada a amplitude, alcance da obra e sua contribuição, gostaríamos de situá-la no campo da Ecologia Política. E nesse horizonte nos propomos realizar dois movimentos: um primeiro momento, de retomada das teses fundamentais que orientam essa perspectiva, e, num segundo realizar o esforço em demonstrar a sua fecundidade, e, a partir da sexta tese, por um mundo diverso e sem preconceitos, pensarmos na potencialidade da Ecologia Cosmocena como uma Ecologia das Diferenças demonstrando a sua penetração em diferentes espaços e contextos onde



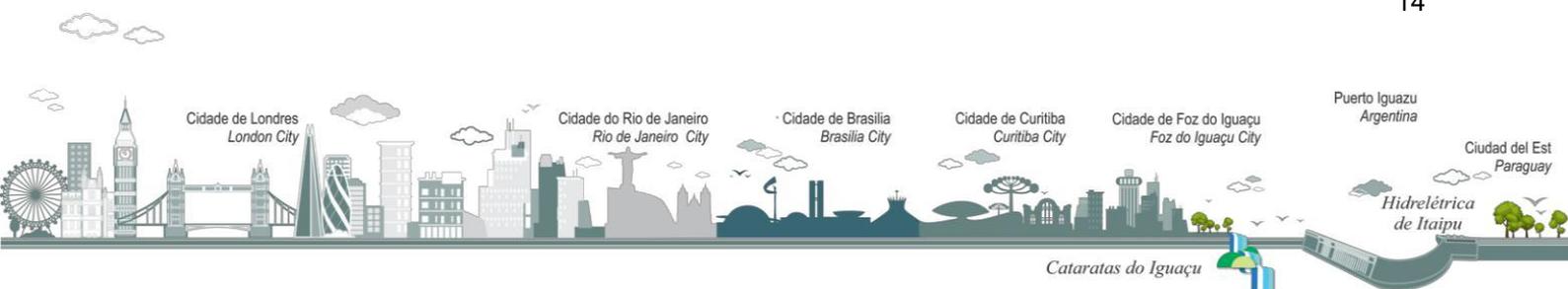


a diferença e a diversidade devem ser reconhecidas. A pergunta que orienta esse estudo trata de questionar em que medida a Ecologia Cosmocena como vertente da Ecologia Política como expressão de uma Ecologia Ambiental, pode ser reconhecida como uma Ecologia das diferenças. Desse modo, o objetivo principal do estudo, consiste em demonstrar a fecundidade dessa ecologia e suas contribuições no enfrentamento de questões tão urgentes no campo da educação ambiental (EA), que passam necessariamente, pelo olhar de uma ecologia ambiental e pela necessidade de políticas, cujo horizonte tenha como ponto de partida o reconhecimento de milhares de homens e mulheres, que historicamente vivem em situação de exclusão social e, portanto, em condições de grande vulnerabilidade, principalmente dado o agravamento causado pela pandemia do COVID-19.

## REVISITANDO A ECOLOGIA COSMOCENA

Desde seu início a obra traz o desafio das aprendizagens com diferentes civilizações: grega pré-socrática (Europa), maia (América do Sul e Central), asteca (América Central), inca (América do Sul), guarani (América do Sul – Brasil), *kaingang* (América do Sul – Brasil) entre outras que nos ensinam uma estreita relação de sintonia natureza-humanidade. E, preocupado com a questão de horizonte ontológico, sugere que os modos de ser e de viver no e com o mundo dessas civilizações apontam registros de uma Ecologia Cosmocena, principalmente por demonstrar as aprendizagens que a humanidade tem com a natureza. Aqui é importante destacar que já no início demarca a Ecologia com uma perspectiva menos antropocêntrica. Esse horizonte vai se confirmar no conjunto das oito teses, de modo especial na primeira tese onde sugere uma nova relação Natureza- humanidade.

Essa nova relação natureza-humanidade tem o desafio primeiro, o enfrentamento reflexivo da chamada era do Antropoceno e da explicitação tácita de







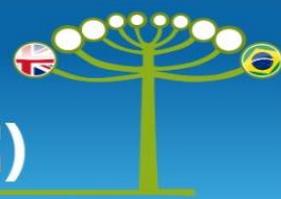
Após essa demarcação é apresentada a concepção da Ecologia Cosmocena sendo entendida como:

Uma alternativa viável para pensarmos as relações entre seres vivos e não-vivos no sentido de podermos garantir melhor qualidade de vida no planeta e, quem sabe, no universo. Ela nasce em meio a este cenário de desesperança e medo reforçado pela Era Antropocena e pelas conseqüentes crises: dos fundamentos da EA, do paradigma filosófico metafísico, da racionalidade ocidental e do sujeito, do esgotamento do sistema capitalista, da lógica do lucro e conseqüentemente da crise financeira, crise política, socioambiental e, fundamentalmente, da crise de sentido existencial-ontológico sobre o espaço e sentido humano no cosmos. Emerge também de uma profunda intuição hermenêutica de que é necessário um reposicionamento humano no cosmos no amplo conjunto das relações que estabelecemos cotidianamente com o universo com o qual nos encontramos conectados. Dessa forma, pode ser vista como ecologia também de ampliação dos sentidos, com a pretensão de alargar a nossa dimensão cósmica. (PEREIRA, 2016, p.45).

**Primeira Tese** – ao discutir a relação Natureza–Humanidade o autor reivindica uma postura de maior reconhecimento das outridades que integram a natureza desde já, e que por decorrência também são sujeito. Nessa perspectiva, defende que a referida relação ocorra numa perspectiva intersubjetiva onde, sem hierarquia a natureza também seja reconhecida como sujeito. Para, além disso, sugere uma postura de maior humildade superando essa pretensa relação de domínio humanidade-natureza, onde com maior sintonia, é possível o ser humano perceber-se como mais uma espécie nesse infinito universo. Abertura e redefinição de postura são os elementos orientadores dessa propositiva relação. Exemplo disso, podemos perceber atualmente em alguns marcos constitucionais da Bolívia, Colômbia, Peru e Equador, que consideram a natureza como um sujeito de direito (ACHURY, et all, 2019).

**Segunda Tese:** Da desaceleração do tempo como garantia de vida. Ela associa a crise atual e o modo como vivemos desorientados inclusive na relação temporal.





Denuncia as formas de vida que não privilegiam o aproveitamento do tempo. Dessa tese emergem profundas e densas reflexões sobre a concepção de tempo e sobre como estamos compreendendo o tempo no horizonte pós-metafísico. Isso é posto, dado ao fato de que nos orientamos, até pouco tempo, pela concepção moderna de tempo até pouco tempo com certa “clareza” entre o passado o presente e o futuro. Como desafio e reflexão nos apresenta o conceito de presenteísmo e as possíveis anomalias de uma humanidade reclama não ter tempo e que vive os tempos de aceleração e bloqueamento de todas as capacidades criativas. (SANTOS, 2000). Finalmente reivindica-se tempo para nossos afetos, nossas estéticas, éticas e místicas. Inclusive tempo para desacelerar e tempo para viver a vida.

**Terceira Tese:** Da sintonia com novas sabedorias: trata-se de uma tese encharcada da categoria reconhecimento. Nela chama-se atenção para tantas sabedorias principalmente dos povos tradicionais que sempre estiveram aí, mas que em geral não estabelecemos sintonias profundas com elas ou as deixamos na marginalidade. Isso vai desde os saberes dos povos tradicionais aos múltiplos movimentos na luta pela vida que estão ocorrendo durante todo ano em todo o planeta. A reivindicação hermenêutica aqui é de maior abertura compreensiva. Uma excelente referência dos saberes ancestrais e populares está em Ribeiro e Freire, que souberam como poucos, reconhecer os saberes que se fazem presente no chão da vida e que são em geral carregados de sabedoria (RIBEIRO,1977); (FREIRE, 1992).

**Quarta Tese:** Do cuidado como reaprendizagem x consumo desenfreado: toma o cuidado no sentido de BOFF, (1999) quando considera o cuidado como um *a priori* ontológico. Isso significa sem o cuidado não existiríamos. Desse modo, partindo da constatação de que somos uma sociedade que se cuida pouco, o estudo aponta desde a gênese cuidado como condição ontológica do ser humano, passando por diferentes

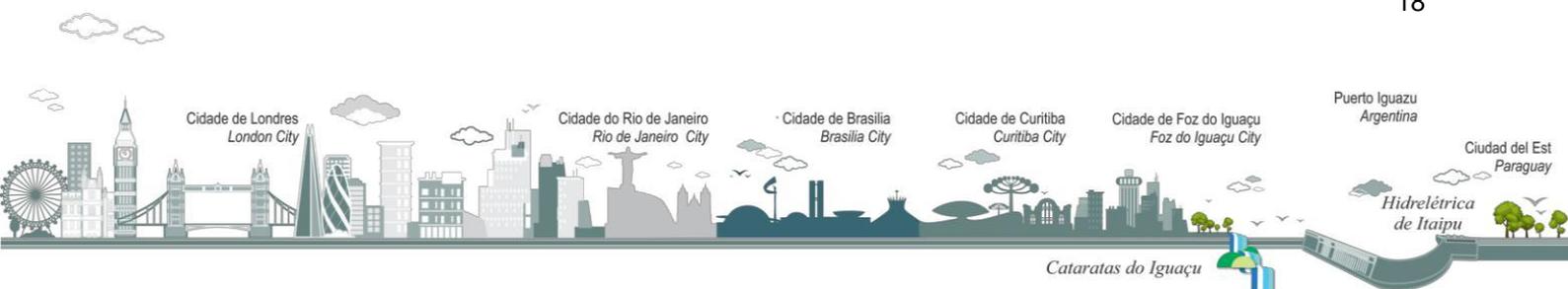


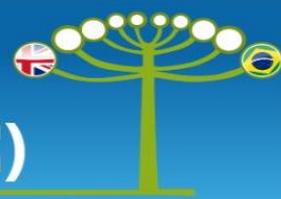


formas de descuido e sugere o cuidado como condição fundamental para sustentabilidade do universo. Apresenta também alguns movimentos na direção do cuidado e de uma cultura da paz tendo por referência o cuidado com a vida dos mais excluídos e o cuidado com a casa comum do (FRANCISCO, 2015). Denúncia o capitalismo como um sistema de descuido que muitas vezes esvazia o ser de sentido atingindo justamente a nossa vocação ontológica do ser mais. Dessa forma é fundamental que resgatemos o cuidado ambiental em nossa vida cotidiana. O contexto da COVID-19 demonstrou o quanto isso é fundamental. Não apenas o cuidado com os humanos mais com o ambiente inteiro.

**Quinta Tese:** Da descolonização do mundo da vida: Tomando como referência o do conceito de Habermas (2001) de colonização do mundo da vida e baseado em estudos de Bauman (2008), onde avalia o impacto que as redes sociais têm sobre a geração de consumidores, em especial, a obra Vida Para Consumo, apresenta reflexões sobre a colonização de nossa dimensão das estruturas linguísticas, culturais, afetivas, subjetivas que sofrem esse grande interferência muitas vezes perdendo ou criando anomalias, inclusive na nossa capacidade de comunicação e nas dimensões de diálogos com aqueles (as) que estão próximo e portanto, despotencializando relações dialógicas. Sugere maior atenção e cuidado também em relação as pessoas que estão mais próximas de nós. Ao mesmo tempo denúncia toda as relações de consumo e de comunicação que criam falsas orientações de sucesso e de felicidade onde muitas vezes de consumidores nos transformamos em produtos a ser consumidos. Desse modo, nos convida a refletir sobre o sentido e o alcance dessas novas formas de colonização dos humanos.

**Sexta Tese:** Por um mundo diverso e sem preconceitos: baseado na compreensão que o universo sempre foi biodiverso, plural e múltiplo o estudo denúncia





todas as formas de preconceito reconhecendo que todas encolhem a expressão da vida em múltiplos contextos bem como mitiga o reconhecimento da pluralidade e da diversidade. Denuncia também o preconceito epistemológico tão reforçado em muitos espaços acadêmicos e reivindica a humildade ontológica. Para, além disso, essa ecologia se manifesta como aberta a todas as diferenças transcendendo o estreitamento de fronteiras e reivindicando novos modos de ser nesse universo infinito. Ao mesmo tempo que solicita uma agenda política que possa acolher a pauta das diferenças e luta por maior igualdade como é o caso, por exemplo, do Programa Interagencial que visa apoiar a implementação dos Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres e de Promoção de Igualdade Racial, estimulando o controle social de políticas públicas e a consolidação da transversalidade de gênero, raça e etnia nas ações do governo.

**Sétima Tese:** Da condição de incompletude: parte da compreensão da nossa vocação ontológica que pela leitura freiriana aponta para essa condição de ser mais. E nesse horizonte, do “ser mais” discute e reconhece três vertentes polêmicas: a necessidade de uma nova aproximação entre ciência e religião (WILSON, 2008); o reconhecimento do coeficiente espiritual QS, não como religião, mas como uma espécie de bússola moral na busca de superação da nossa crise de sentido (ZOHAR; MARSHALL, 2012) e o reconhecimento da existência da alma. Esses aspectos pressupõem como ponto de partida o fato de que mesmo não acreditando em nenhuma dimensão transcendental-espiritual, devemos reconhecer que para bilhões de seres humanos essa dimensão assume sentido profundo em suas vidas e modos de ser.

**Oitava Tese:** Do lugar da Educação Ambiental na Ecologia Cosmocena: considera que a EA aparece como um ponto pequeno nesse amplo universo, mas que assume o papel preponderante no sentido de nos ressituar sobre os caminhos que

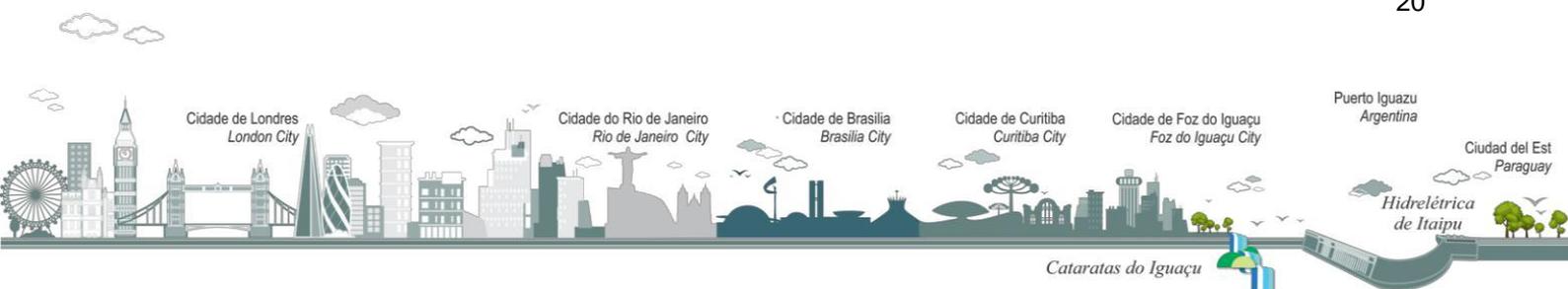


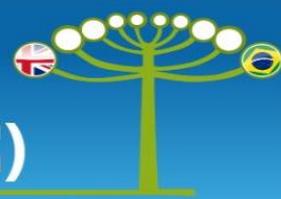


traçamos. Essa ampla discussão não se encontra desconexa das intervenções políticas e principalmente econômicas. Economia essa que limita as formas de vida no planeta. Nesse sentido, entende-se que a EA pode servir de alternativa para pensarmos um desenvolvimento mais amplo do ser humano do que apenas a estreiteza da lógica financeira uma educação do ambiente inteiro pressupõe a busca do desenvolvimento cultural, social, histórico, intelectual, espiritual das pessoas em suas múltiplas dimensões que possa garantir a qualidade de vida digna. É o que Capra (2012) denomina de crescimento qualitativo.

## **ECOLOGIA COSMOCENA E OS DIFERENTES: UM HORIZONTE QUE NOS MOVIMENTA!**

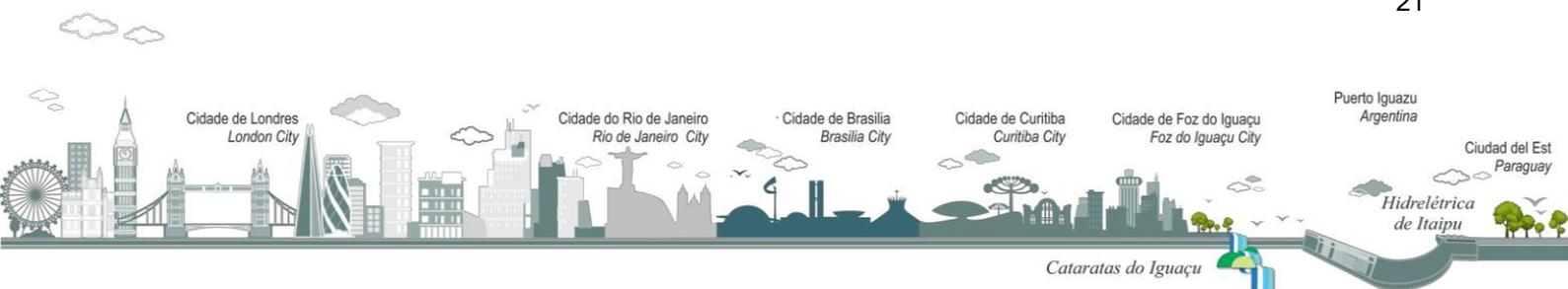
A Ecologia Cosmocena em sua sexta tese traz por reflexão a necessidade de pensarmos o mundo em sua diversidade e a projeção de uma sociedade sem preconceitos. Justamente por isso que ainda em pleno século XXI é necessário denunciar as desigualdades socioambientais que após muitos séculos são presentes e se reinventam nitidamente sem meias palavras ainda hoje. Ao trazer esta tese e fazer o recorte de classe, raça e gênero, Pereira (2016) também reforça o preconceito epistêmico, desenvolvendo que a filosofia não é universal e sim pluriversal – denunciando a não valorização de epistemologias suleares e de pedagogias que emergem da realidade dos sujeitos. Na atualidade, o mundo inteiro vem sido confrontado com a pandemia da Covid-19 que vem abalado toda a estrutura da sociedade, além de expor constantemente a precarização das políticas sociais, o aprofundamento das desigualdades que são consequências cotidianas relacionadas já no contexto pré – Covid19; em que muitos países estavam e perseveram ainda hoje sendo direcionados por meio de orientações e tendências neoliberais. Parece praxe, mas não há dúvidas de que estamos precisando de mais humanidade nestes tempos





tão pandêmicos, aliás a Covid-19 apenas reforçou a necessidade de pensarmos criticamente sobre nosso modo de ser e estar, além de repensarmos nossas práticas socioambientais frente nosso sentido existencial em *gaia*, nestas condições extremas que estamos vivenciando.

A Ecologia Cosmocena há alguns anos vem convocando os sujeitos a pensar sobre sua existência. A covid-19 alterou o modo de ser e estar no mundo (PEREIRA, 2020). Podemos dizer que essa pandemia se impôs a toda a população mundial e devido a isso projetamos que a humanidade de mudar radicalmente nossas vidas. A sexta tese da Ecologia Cosmocena sempre denunciou as diversas pandemia (s) universais (que por não afetar todo os indivíduos que habitam o planeta) não causou impacto mundial como a Covid-19. O período pré-Covid -19 apresentava milhares de pandemia (s) que estavam visíveis em especial no Brasil: a fome, a falta de água, as condições precárias de saneamento, o machismo, o racismo, a homofobia, a intolerância religiosa, a precarização do SUS, a mineração, os ataques a comunidades tradicionais, o agronegócio, a falta de acessibilidade para PcD, etc. Acreditamos que é necessário trazer anúncios e denúncias sobre as expressões da questão socioambiental de um período pré-Covid-19 que não podemos esquecer, e a outra questão que devemos atentar-nos já no Covid-19 é que se há falta de estratégias para lidar com esta pandemia quem é condenado da terra (FANON, 1968) ou oprimido (FREIRE, 1992) sente primeiro os efeitos do cotidiano neste cenário. Ao contrário dos pobres, dos deficientes, das mulheres, da população negra, dos indígenas, dos quilombolas, dos extrativismo; dos LGBTTQI+, dos agricultores, dos pescadores e demais oprimidos/as; a população mundial sempre viveu um tempo de muita segurança apontando teleologias, garantias e endereçamentos – haviam certezas superficiais – que hoje com a Covid-19 passou a deixar esses sujeitos repletos de medo, insegurança, incertezas latentes e desesperadoras já que as adjetivadas certezas tão supérfluas e mesquinhas, caíram por terra com a pandemia.

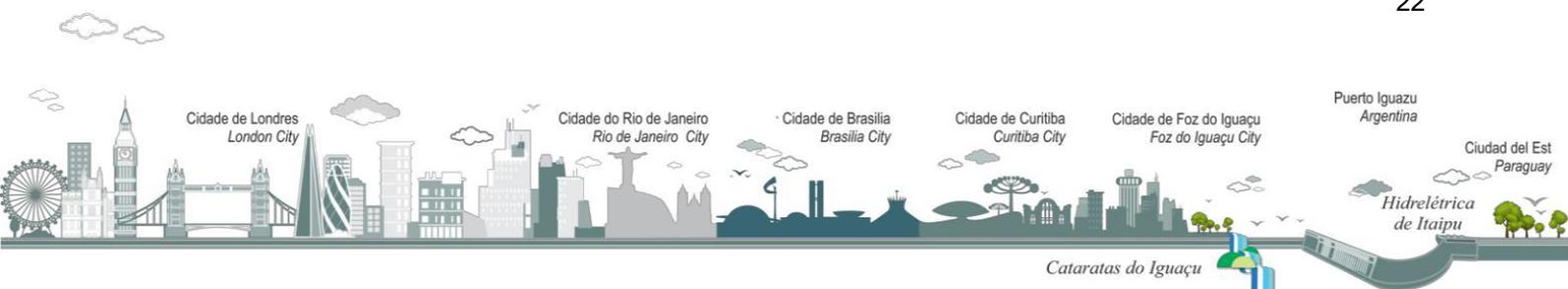


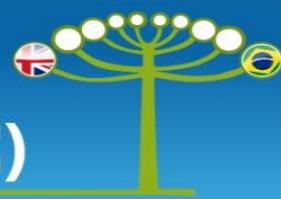


O fato desta insegurança, talvez seja a falta de convívio ou aceite de aprendizado com os diferentes, que durante todos esses séculos já vinham e veem enfrentando pandemia (s) já acima citadas, onde estes esfarrapados do mundo (FREIRE, 1992) e/ou condenados da terra (FANON, 1968) nunca se acovardaram ou encolheram diante as dificuldades, pelo contrário; se fortaleciam e se fortalecem ainda hoje com as potencialidades de suas comunidades sempre se posicionando a favor da vida e da não violação de direitos.

Também é importante aqui na sexta tese, pensar os movimentos suleares – por exemplo, através de esforços compreensivos. Isso requer do entendimento de movimentos nada promissores como a ascensão da extrema-direita na América Latina, bem como do reaparecimento da classe média – sem conscientização de classe e conseqüentemente o papel que esta assume em *gaia*. Queremos dizer com isso que, a democracia nunca esteve tão frágil no mundo e em especial na América Latina. O Estado que teoricamente é o responsável por garantir a vida e também pela inserção dos sujeitos que nele habitam, em contrapartida, é ele também o responsável por gerar mortes em grande proporção. Os/as grupos adjetivados por minoritários sempre denunciaram a necropolítica – política de promoção da morte (MBEMBE, 2017) porém agora esta concepção vem ironicamente sendo abrangida para a população mundial com a Covid-19, muito embora a supremacia ocidental hegemônica não tenha durante todo esse processo mostrado afetividade significativa pelos/as sujeitos que historicamente vem denunciando as atrocidades cometidas e perpetuadas de geração a geração, já que a elite está imersa no objetivo máximo de lucro e o aumento de poder a todo custo.

A Ecologia Cosmocena em sua sexta tese, traz a convocação de indagação existencial na perspectiva ontológica (modo de ser e estar) sobre o olhar diferenciado para os diferentes; para a possibilidade de indagação interna do sentido existencial de cada ser. Indagações como: O amanhã estaria a venda? A economia precede a vida?

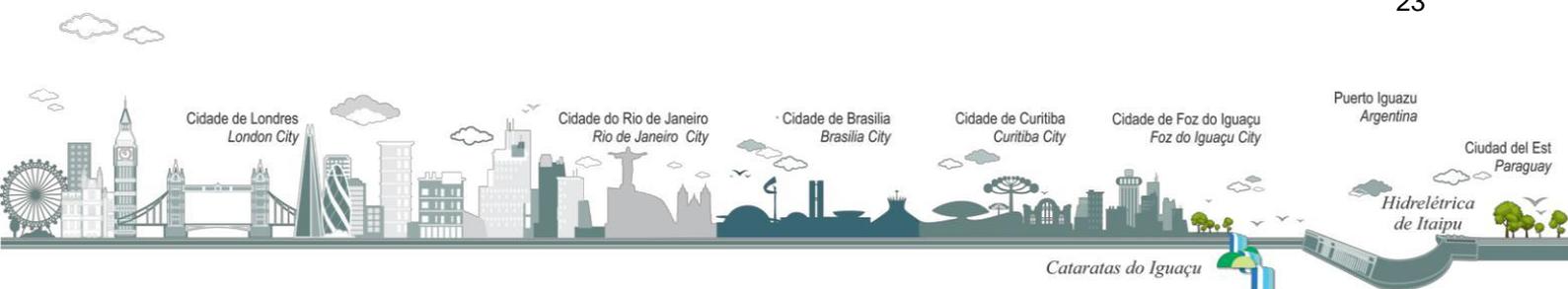




Essas são perguntas essenciais diante da atual conjuntura planetária no contexto da Covid-19 visto que as empresas boicotam o *lockdown* incentivando apoio popular – mercado de trabalho. Como se não bastasse, as práticas de mineração perseveram a todo custo atacando os povos das florestas e os animais, a extrema pobreza virou protagonista das unidades familiares, o aumento significativo dos povos migratórios (por motivos de guerras mundiais, fome, desemprego, etc.), o racismo cada vez mais explícito e brutal para com pessoas negras, o aumento de violência contra mulheres, os ataques constantes a população LGBTTQI+, a poluição das águas, a fragilização da agricultura familiar e demais expressões da questão socioambiental, visto que diante a exposição acima, é perceptível que a covid-19 é apenas mais uma das patologias desta crise socioecológica. Estas expressões nos colocam um limite entre parar ou continuar, entre desistir ou existir onde a desistência “ vem do encolhimento ontológico de possibilidades criativas. É também resultado de uma compreensão existencial de que não existe mais horizonte possível, pois teríamos esgotados todos as expectativas em vista de um futuro melhor” (PEREIRA; AMARAL, 2019, p. 306).

Nesta perspectiva, precisamos pensar também na ideia de descolonização do conhecimento e reconhecimento das nossas potencialidades, tendo por princípio fundamental sermos homens/mulheres propositivos/as para o fortalecimento da autonomia, emancipação, fraternidade, solidariedade e expansão dos indivíduos em sua plenitude, redefinindo o horizonte das relações humanas e rompendo com a lógica deste sistema capitalista cruel e perverso.

A realidade vivenciada pelos diferentes, as subjetividades, interseccionalidades, as lutas, resistências e as consequências psíquicas que a pedagogia do opressor causa, tem sido amplamente negligenciado pelas estruturas institucionais. A cultura da intolerância presente aos diferentes e a colonização não mais tão tímida e silenciosa no século XXI escancaram as vulnerabilidades que os



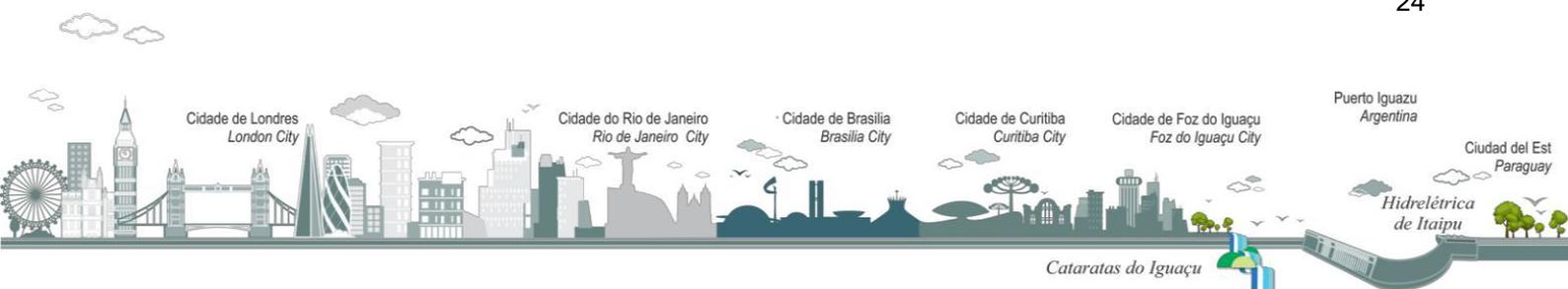


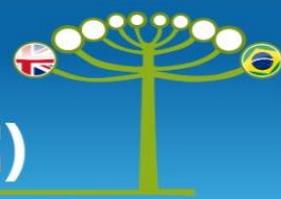
adjetivados grupos minoritários sofrem por séculos. Não é à toa que o epistemicídio enquanto negação de conhecimentos atrelado a epistemologias fora do contexto eurocêntrico de legitimidade de saber - invisibilidade e descrédito aos saberes não ocidentais (RAMOSE, 2014) nos remete sobre quem pode falar e quem não pode, sobre o que podem falar e o que não podem, o porquê do silenciamento imposto e o que o colonizador não quer ouvir? Para Santos e Menezes;

o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual entre saberes que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizadas, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (SANTOS; MENEZES, 2010, p. 11).

Ao contrário do que os opressores pensam e reproduzem a respeito dos diferentes, existem epistemologias, ontoepistemologias, conceitos, métodos, pesquisas das mais diversas áreas, filosofias e uma pluriversalidade de campos teóricos que não compactuam com a adjetivada universalidade ocidental. Nesta perspectiva da Ecologia Cosmocena em sua tese sexta da ecologia das diferenças, não existe a relação sujeito e objeto; colonizador e colonizado; opressor e oprimido; escravo e escravizado, já que estes sujeitos estão em constante busca do processo de emancipação, se reconhecem incompletos, inconclusos, inacabados e consequentemente visam o despir do colono que há no interno individual e coletivo.

A Ecologia Cosmocena aposta em uma ecologia dos diferentes a partir de sua tese sexta e incentiva a reconfiguração em um paradigma centrado no enfrentamento das expressões da questão socioambiental embasado no escopo filosófico da ecologia das diferenças, contrariando o absolutismo ocidental impetrado sobre a sociedade e estes grupos tão violentados constantemente por ele. A proposta aqui é um exercício constante contra-colonial e contra-hegemônico visto que “ de ambos os modos, somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de





conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também de violência” (KILOMBA, 2019. p. 51). Com esses movimentos compreendemos que a descolonização não pode ser pensada como se fosse mera metáfora, aliás; por que a sociedade julga que a diferença é um problema? (BEMBÉ, 2016).

Neste sentido, a Ecologia Cosmocena atrelada a uma ecologia política visa desenvolver reflexões e proposições interseccionais do contexto (gênero, classe, raça, homem-natureza) fortalecendo uma ecologia das diferenças e questionando: como chegamos a esse cenário? Resultado de processos históricos colonizadores, podemos dizer que a escola é um espaço que recebe muitas vezes conteúdos e orientações, baseados numa escala valorativa que não estão próximos das leituras de mundo e das andanças da maioria das/dos estudantes, visto que ao invés de instrumento da emancipação humana, muitas vezes reproduz e perpetua um sistema opressor (SADER, 2008). Aliás, o “exercício de nossas atividades se dá no Ocidente e, pelo óbvio estamos mergulhados na cultura ocidental, com todas as suas raízes históricas e desenvolvimentos posteriores” (CORTELLA, 2008, p. 50). Ribeiro (2014) destaca que “é importante constatar que o Brasil, da mesma forma que a maioria dos países da América Latina e Caribe, caracteriza-se como multirracial, multicultural, multirreligioso e pruriétnico. E uma grande marca dessa região é o colonialismo” (RIBEIRO, 2014, p. 39); muito embora “vivemos todo o nosso período de vida colonial. Pressionados sempre. Quase sempre proibidos de crescer. Proibidos de falar. A única voz no silêncio a que éramos submetidos, que se poderia ouvir era a do púlpito” (FREIRE, 1999, p. 83).

Para Pereira (2016) o “capitalismo imperialista não dá conta de pensarmos o ambiente inteiro”; para valorizarmos “todas as relações que mantemos no e com o mundo” (PEREIRA, 2016, p. 91); mundo este que é biodiverso, plural e múltiplo. Portanto, trazemos a concepção de que a proposta da Ecologia Cosmocena nesta sexta tese é também a descolonização epistemológica. A partir de reflexões tão



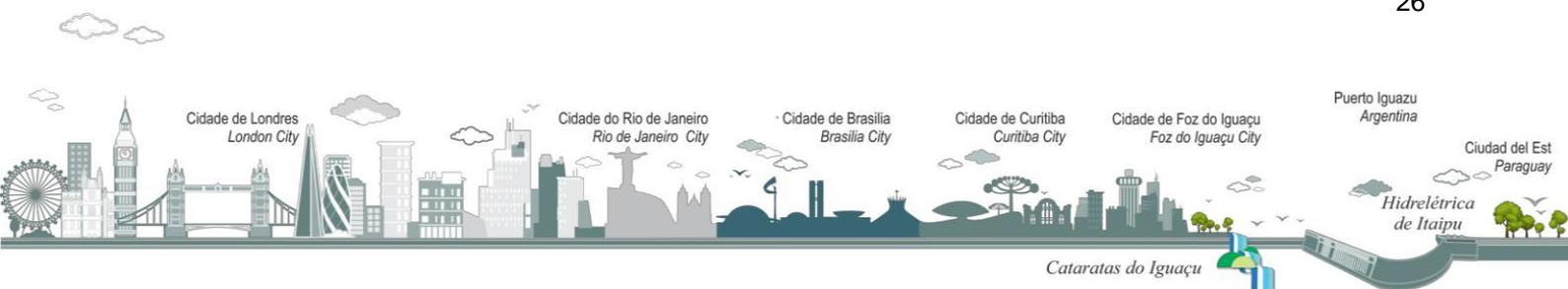


latentes estamos pensando em que medida a Ecologia Cosmocena enquanto ecologia das diferenças pode estar desenvolvendo redes para fortalecer e trazer ao centro da discussão as identidades e pertencimentos das adjetivadas minorias, com perspectivas de uma ética socioambiental coletiva, promovendo o fortalecimento e promoção do cuidado aos excluídos?

Embora o capitalismo esteja sempre se aproveitando do povo e de suas demandas, movimentos propositivos como a Ecologia Cosmocena – por exemplo, vem contribuindo de forma significativa para o romper com estas múltiplas formas de violência; visto que o mundo pré-covid e pós-covid vem afetando as dimensões biopsicosocioambiespirituais<sup>3</sup> dos seres humanos. Sabe-se que aqui na perspectiva da Ecologia Cosmocena a esperança é ontológica, ou seja; não é um cruzar de braços, a esperança é uma luta: enquanto eu luto eu espero e enquanto eu espero eu luto! (FREIRE, 1992).

Nesta sexta tese, há também a necessidade do reconhecimento dos saberes ancestrais dos griôs (quilombolas) e dos mais velhos (caciques) de cada comunidade indígena. Tem-se por importância a revitalização dos saberes ancestrais para o despertar da consciência – a necessidade do cuidado com os excluídos desses povos e demais outridades, pensando possibilidades coletivas de luta pela garantia de direitos. Para Gohn (2010) esses grupos oprimidos, quando reivindicam transformação política organizam - mobilização social, que emanados no desejo de liberdade e busca por reconhecimento visam mudanças de paradigmas até então imposto.

Não é por acaso que diversas dessas árduas e tensas reivindicações já foram demandas que viraram decreto e/ou lei no Brasil - por exemplo: (lei 10.639/2003 – inclui nos currículos da educação básica a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira; lei 11.645/2007 - inclui nos currículos da educação básica a obrigatoriedade da história e cultura afro-indígena; lei 11.340/2006 – Lei Maria da Penha; Lei 12.288/2010 – Estatuto da Igualdade Racial; Lei nº 10.779/2003 – auxílio defeso para



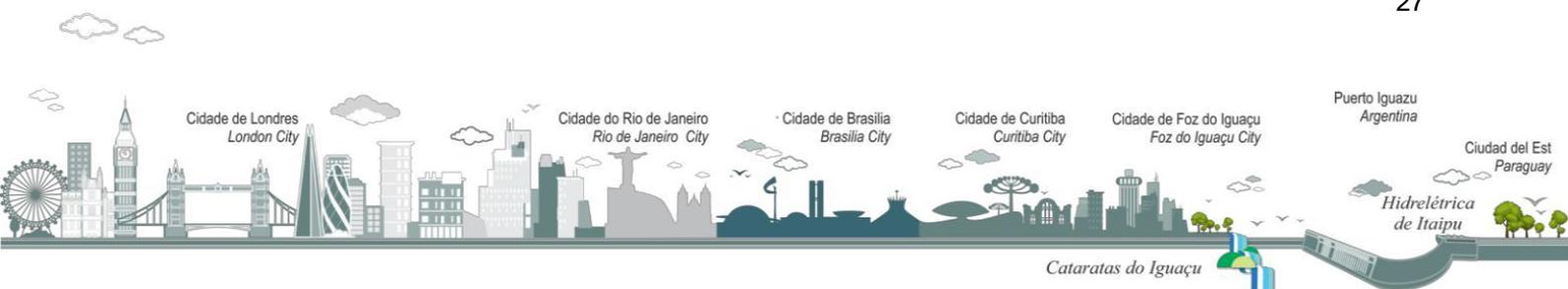


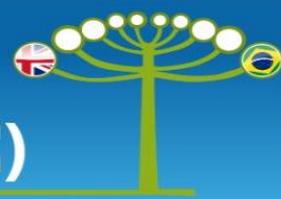
pescadores; Lei 13.146/2015 – Estatuto das Pessoas com Deficiência; Lei de nº 12711/2012 – Inclui cotas raciais e sociais nas universidades públicas; Lei de nº 12.990/2014 – cotas raciais para negros nos concursos públicos federais; dentre outras vitórias da classe popular). Além disso, vale aqui ressaltar das estratégias da sociedade civil para o ingresso nas universidades públicas – cursos pré- populares, para o ingresso na pós-graduação – cursos intensivos populares para ingresso na pós (*lato sensu e stricto sensu*), movimento estudantil (transporte, alimentação e casa do Estudante); economia solidária; sindicatos dos bairros; e tantas outras expressões de luta dentro e fora da universidade. Para Jesus,

o Brasil precisa enfrentar com determinação fundamentos coloniais e imperiais que o estrutura e lhes dão sentidos, calcados no ideário sedimentado num passado histórico que insiste e persiste na hodiernidade. Pressupostos que estão incrustados nos interstícios das relações sociais vigentes, potencialmente dimensionados, na conjuntura atual, escancarados na sua concretude explicitamente “abissal” de um Executivo federal que atenta visceralmente contra a existência d@ Outr@ intestinalmente (JESUS, 2019, p. 92).

Sabe-se que boa parte dos países reivindicam um modelo de desenvolvimento sustentável, o combate ao racismo e todas as formas de discriminação, o fortalecimento dos direitos humanos, bem como o compromisso universal – mesmo que a passos lentos em determinadas constâncias governamentais. Exemplo disso, foi o comprometimento do Brasil na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlatada popularmente conhecida como a Conferência de Durban. Esta conferência ocorreu na África do Sul no mês de agosto do ano de 2001 e “na ocasião, o Brasil se comprometeu – por exemplo, com o enfrentamento racial, bem como com a implementação de ações afirmativas, assumindo ser um país com fortes problemas raciais” (AMARAL, 2019, p. 91).

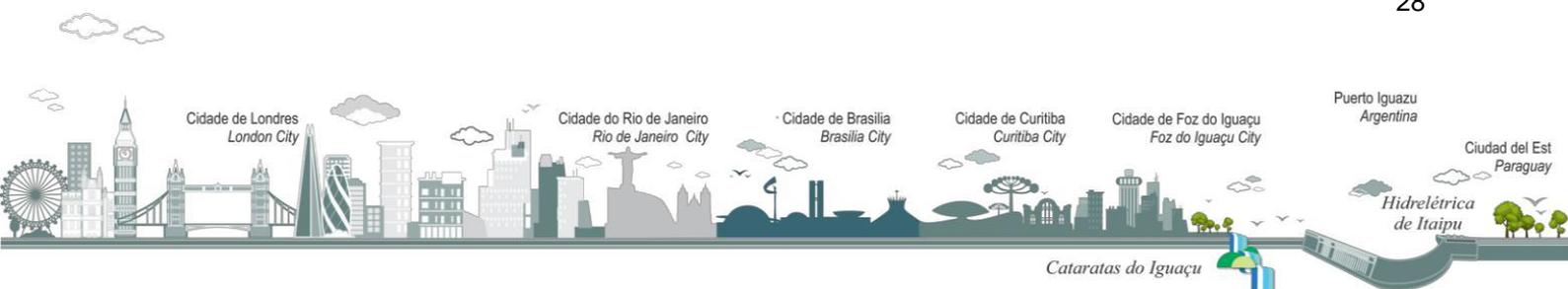
Pode-se afirmar que a ONU tem papel importantíssimo no que tange todas as lutas pela não violação dos direitos humanos, não é à toa que avanços significativos





são dados através de ações em que esta organização faz apelo para que os países se comprometam de mudar a realidade de acordo com o prazo estipulado, com a assinatura do executivo na proposta ofertada. Na atualidade estão ativas as campanhas internacionais: Década Internacional dos Afrodescendentes (2015 - 2024) denunciando que “há extrema necessidade de que os países busquem enfrentar o racismo, a discriminação racial e a intolerância, destacando que o reconhecimento, a justiça e o desenvolvimento devem ser vistas como prioridades mundiais” (AMARAL; PEREIRA, COSTA, 2018, p. 466); na mesma perspectiva e tendo recortes - Objetivos do Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia; visando apoiar a implementação dos Planos Nacionais para as mulheres atrelando as políticas de promoção da Igualdade Racial; as ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (2015-2030) que possui dezessete objetivos aos países dentre eles (erradicação da pobreza, fome zero e agricultura sustentável; água potável e saneamento, energia limpa e acessível, cidades e comunidades sustentáveis, consumo e produção responsáveis, ação contra mudança global do clima, vida na água, vida terrestre e outros); visando acabar com a pobreza e enfrentar as mudanças climáticas; além de tantas outras ações.

As demandas que são levantadas pelos diferentes ou pela sociedade civil organizada, através das relações entre o Estado e a ONU no âmbito de ontologias da esperança vem se dando com regularidade e amplitude. A concepção das campanhas propostas pela ONU através de consultoria as emergências socioambientais variam interpretações sobre sua validade e coerência, junto aos países e seus representantes. De qualquer forma, acreditamos que representam uma expressão e incentivo desse acontecer.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não acreditamos que existam possibilidades de atingir a justiça socioambiental sem conscientização da ecologia política para um mundo diverso e sem preconceitos. A Ecologia Cosmocena através da sexta tese apresenta a possibilidade desse horizonte emancipatório, que visa as conquistas socioambientais e o fortalecimento da democracia, bem como a não ameaça à vida da *gaia* e dos diferentes. A terra deve ser compreendida como o uso coletivo e não privado. A partir desse (re) pensar novas concepções de EA e ecologias espera-se que os sujeitos possuam de estratégias para os efeitos de mudanças climáticas que se apresentam diuturnamente e se sintam convidados a romper com as estruturas de destruição, dominação, da negação da natureza e do outro, adquirindo *práxis* no cenário da Ecologia das Diferenças pelo viés da Ecologia Cosmocena.

## REFERÊNCIAS

ACHURY, Liliana Estupiñan [et al.]. **La naturaleza como sujeto de el Constitucionalismo Democrático / editores académicos**. Bogotá: Universidad Libre, 2019. 553 p.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AMARAL, Marcel Jardim. **O negro e a luta por reconhecimento**: as cotas raciais na universidade. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Fundação Universidade Federal do Rio Grande / FURG, Rio Grande, 2019.

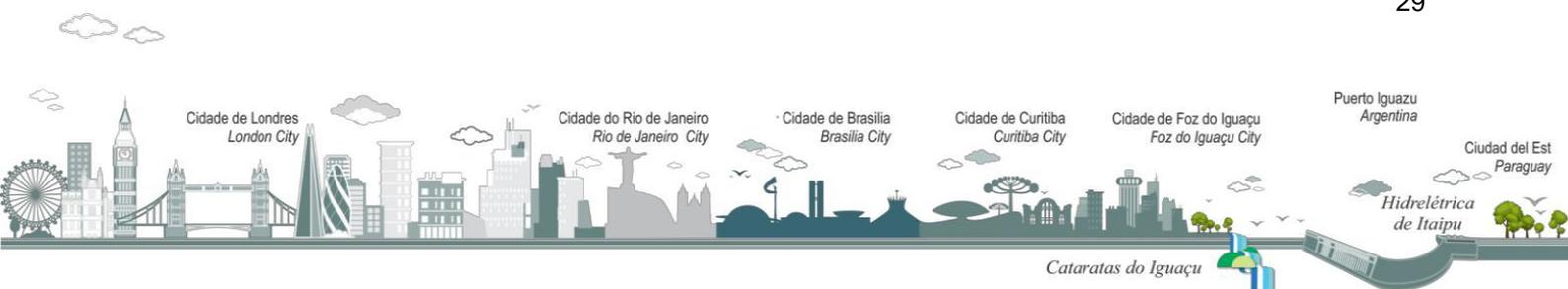
AMARAL, Marcel Jardim; PEREIRA, Vilmar Alves; COSTA, Laís Braga. Impactos da participação popular na IV Conferência da Igualdade Racial em Rio Grande – RS. **Revista Teias**, v. 19, n. 54, p. 463-477, set. 2018. ISSN 1982-0305. Disponível em:

<<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/34132>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. São Paulo: Nacional, 2008.

BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias**: ambiental, política e social, mental e integral. Rio de Janeiro: Mar de Idéias: Animus anima 2012.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.





CAPRA, Fritjof. **Desenvolvimento qualitativo**. Disponível em:

<https://www.oeco.org.br/noticias/25854-fritjof-capra-ao-vivo-em-oeco-hoje-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em julho de 2020.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Rio de Janeiro: Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da física**: uma análise entre os paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental. Cultrix: Rio de Janeiro, 2011.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FRANCISCO. Laudato Si'. **Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GADAMER Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa**: racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 2001. v. 1.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Caminos de bosque**. Tradução: Helena Córtes e Arturo Leite. Madri: Alianza, 1993.

HERMANN, Nadja. Metafísica da subjetividade na educação: dificuldades do desvencilhamento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 81-94, jan./jun. 1997.

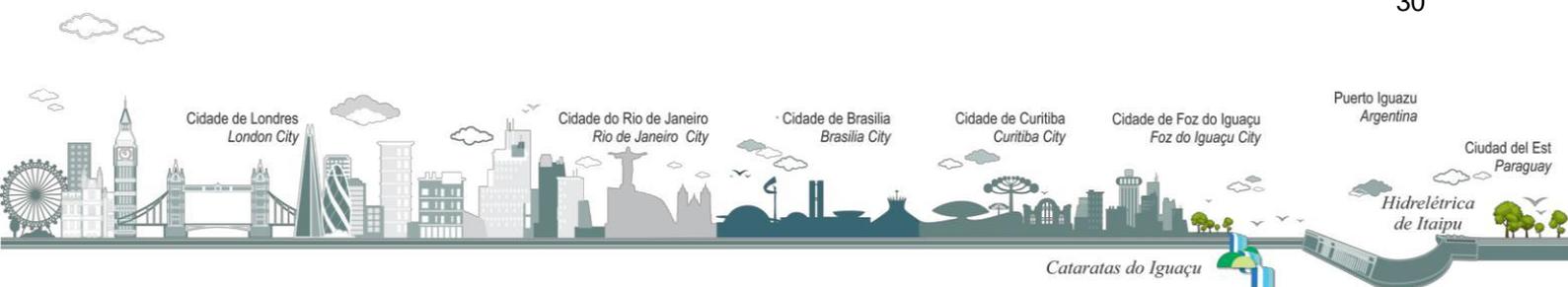
KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

JESUS, Jayro Pereira de. Femicídio e desontologização do ser nos processos de colonização dos povos africanos. *In*: PEREIRA, Vilmar Alves; MALTA, Marcia Madeira Malta (Org.). **Ontologia da Esperança**: a Educação Ambiental em tempos de crise. 1. ed. Juiz de Fora: Editora Garcia, 2020.

LEFF, Henrique. Racionalidade ambiental: **a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajatória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOVELOCK, James, **Gaia**: alerta final. Tradução: Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.





Organização das Nações Unidas – ONU. **Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/genero-raca-e-etnia-tem-novo-espaco-na-web/>. Acesso em Julho de 2020.

PEREIRA, Vilmar Alves; EICHENBERGER, J. C. ; CLARO, L. C. **A crise nos fundamentos da Educação Ambiental:** motivações para um pensamento pós-metafísico. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 32, p. 177-205, 2015.

PEREIRA, Vilmar Alves ; AMARAL, Marcel Jardim . A Ecologia Cosmocena como modo de reconhecimento dos saberes ancestrais e como perspectiva de ontologização do ser em tempos de crise existencial. *In:* Ana Carolina Cerqueira Medrado; Adalberto de Salles- Lima; Rita Silvana Santana dos Santos; Rodrigo Matos-de-Souza. (Orgs.). **EM BUSCA DE UM HORIZONTE: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO, ARTE E RESISTÊNCIAS.** 1ed. Brasília: REDEXP, 2019, v. 1, p. 299-309.

PEREIRA, Vilmar Alves. **O que será o amanhã? Educação ambiental na América Latina e Caribe, justiça Ambiental e COVID-19.** Juiz de Fora, MG: Garcia, 2020.

PEREIRA, Vilmar A. **Ecologia Cosmocena:** a redefinição do espaço humano no cosmos. Juiz de – Fora, MG: GARCIA edizioni, 2016.

MBEMBE, Achille. **Por que julgamos que a diferença seja um problema?** (entrevista). Goeth Institut Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20885952.html>

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno.** Petrópolis, Vozes, 1977.

RIBEIRO, Matilde. **Políticas de promoção da igualdade racial no Brasil.** – 1. ed.- Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

RAMOSE, Mogobe. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana.** v. 4, p. 06-24, out. 2011. Disponível em: [http://www.ensaios filosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE\\_MB.pdf](http://www.ensaios filosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf). Acesso em: 22 jul. 2014.

SADER, Emir. Prefácio. *In:* MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da Razão Indolente:** contra o desperdício da experiência, Porto, Afrontamento, 2000.

WILSON, Eduard, O. **A criação:** como salvar a vida na terra. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

ZALASIEWICZ, Jan. **Antropoceno:** cientistas proclamam que estamos no nascimento de uma nova era geológica. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2011/06/07/antropoceno-cientistas-proclamam-que-estamos-no-nascimento-de-uma-nova-era-geologica/>.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **QS: inteligência espiritual.** Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012.

